

FABRÍCIO CARPINEJAR

Olhos de Raposa



Ilustrações Ana Pez

edelbro

FABRÍCIO CARPINEJAR

Olhos de Raposa



Ilustrações Ana Pez

edelbra



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

**conhecimento, e não mais
lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade
poderá enfim evoluir a um
novo nível."**



FABRÍCIO CARPINEJAR

Coleção Pedacos de Vida

**Olhos
de
Raposa**

edelbra

Esta é a biografia do meu olhar paterno. Se não é real, foi por um detalhe.

Sumário

	Capa
	Rosto
	Amor discreto
Linda mulher estrábica: mãe de meu filho	
	Uma toalha e oito vidas
	Na balança da maternidade
	Embrulhado
	O coração ou a boca
A esperança antes da esperança	
	Constrangendo de ternura
	A bolha coletiva
	Dicionário aproximado
	Passarinhada
O primeiro gol de meu filho	
	Uma fatia de torta
	Para que servem os cílios?
	Geração egoísta?
	Muito poucos
	Dia dos pais
	Uma lista
O amor de meu filho pelas mulheres	
	O avião no telhado
	Bendito violão
Quantas pintas em minhas costas?	
	Colo
	Fábula infantil para adultos
	Confissão
	Olhos de raposa
Não use o filho como desculpa	

Meus filhos têm mais passado do que futuro

Maliana

Hoje sim

Me deixe em paz

Autores

Créditos



AMOR DISCRETO

Conheço bem o amor discreto entre pais e filhos adolescentes. O amor fica escandaloso só depois.

É um amor tênue, quase invisível. Um pouco complicado de se detectar em espaços públicos.

Descubro agora o que meus pais enfrentaram comigo. O que sofreram. Como eu humilhava os dois sem perceber.

A mãe me levava de carro para festas e eu a obrigava parar duas quadras antes, para que ninguém me visse com ela.

- Aqui tá bom!
- Não, eu levo até ali, onde é? Não custa nada.
- Mãe, me deixa aqui. Por favor...
- Não, levo no endereço certo. Qual é?
- Chega mãe, você não me entende.
- Não quer me dizer onde vai?
- Mãe, é que gosto de caminhar.

Batia a porta e não me despedia, levava qualquer discordância como ofensa pessoal. A mãe fazia um favor e eu ainda a xingava como um taxista que não me dava troco.

Não vendi minha mãe, mas a escondia no estoque. Temia ser vítima das piadas dos amigos, e virar o “filho queridinho”. Isso poderia custar a reputação de malandro, a noite com uma menina e meses de gozação entre os colegas. Como explicar que tinha vergonha de me mostrar dependente? Os filhos adolescentes acreditam na telepatia. Nada precisa ser dito, tem de ser entendido.

Receber beijo e abraço dos pais na escola era uma agressão. No máximo, um cumprimento de mão e um sinal com o rosto.

Fui buscar minha filha adolescente em seu colégio. Estou na entrada, eufórico, conversando com os seguranças do prédio e aguardando o sinal. Centenas de alunos correm, desesperados pela luz, e pulam a escada de dois em dois degraus. Eu me esforço em emoldurar seu jeito, sua mochila e seus cabelos diante do tumulto. Quero ser o primeiro a descobri-la. Vejo ela vindo, encabulada, com o uniforme branco e azul. Ponho os braços para cima, e ela passa pela lateral. Ela me dribla sem pudor. Finjo, mudo o destino do corpo, mexo na cabeça para justificar os braços erguidos.

Resmunga “vamos!”, como se estivéssemos sendo seguidos. Caminho lado a lado com ela, um traficante buscando ser o mais natural possível. Tento repassar sigilosamente minha mão. Passar a cápsula de minha mão. A droga de minha mão. Ela espana os movimentos insistentes.

Andamos três quadras. As árvores cansavam suas sombras. Já havia perdido a esperança de aproximação. Nenhum assunto suspendia o mal-estar do encontro. Até que, ao virar a esquina, longe de todos, ela me abraça furiosamente:

– Paizinho, paizinho, que bom que você veio!

LINDA MULHER ESTRÁBICA: MÃE DE MEU FILHO

Menina vesga. Menina bonita. Menina zarolha. Ana ficou olhando para dentro, devido a uma febre assustadora na infância. Um mormaço que deslocou suas órbitas. Nem o nariz dividia seus olhos. Olhos que não regressavam para jantar com o grito da mãe. Olhos de rua puxando corda. Olho esquerdo apaixonado pelo direito. Ambos conversando na hora de piscar.

Ana sofreu por ser estrábica. Sofreu pelos seus irmãos, que explicavam o que havia acontecido. Ela não se explicava. Ela conservava um olho como um brinco de pérola. O segundo olho era o estojo. Ela dizia que só usaria os dois olhos quando casasse. Menina vesga. Menina romântica. Menina zarolha.

Quando dormia, um olho permanecia acordado, coçando as costas das pálpebras. Queria ter mais cílios para se cobrir. O que pensava o olho na insônia de olho? Que não tinha vivido o suficiente para voltar ao seu lugar. Olho teimoso, birrento.

Ana nunca pediu para que tirassem o cisco do seu olho. O cisco era o próprio olho. Bem que desejava receber o sopro quente de uma boca para alinhar o firmamento. Para acalmar, com a mesma doçura cálida dos panos na febre.

Ela se enroscava nos joelhos de sua mãe. Para que um olho não fosse reparado. Com exceção da carteira de identidade, suas imagens são de lado. Ela viveu de lado.

Um de seus olhos não tirava fotografia. Não gostava de aparecer. Corria sem olhar para trás.

Ana foi julgada pelo olho. Foi constrangida pelo olho. Colegas olhavam seu olho e não a convidavam para dançar. O olho ansiava o fim da festa para

voltar a ser olho, e não buraco do olho, ausência do olho, um copo na mesa. Os cabelos pretos daquele olho não conheciam o pescoço do olho.

Repare, o olho era uma sobrancelha. Uma terceira sobrancelha. Uma segunda sombra.

O olho abraçava sem mostrar o rosto.

O olho tremia, encrava o piso da pupila, para receber visita. Ninguém vinha, a casa limpa do olho cheia de perfumes do olho.

Seu corpo ficou com ciúme porque as pessoas somente notavam seu olho. O corpo cresceu rápido para fugir do olho, do apelido do olho. Os seios, o quadril, a mulher inteira para combater o olho baldio, o olho que não desejava crescer e sair da infância. Olho de boneca, de vidro. Olho que dói sem doer, que não escorregava com o colírio, não secava direito suas pernas.

Enquanto os outros não tinham certeza para onde ela olhava, Ana temia ser olhada. Tampouco tinha certeza para quem olhava. Olhava a si mesma enquanto esperava que alguém a olhasse. Menina vesga. Menina tímida. Menina zarolha. Ana suportou seus apelidos com elegância. A dor sempre é elegante, a única forma de conversar com uma dor é pela dor.

Ana enxergou duplo toda sua vida. Enxergou duas vezes quando alguém chegava ou deixava de chegar. Enxergou duas vezes a tristeza, duas vezes a euforia. Um dos olhos da Ana já guardava o Vicente, espiando de canto para as pequenas veias desenhando uma criança.

Vicente foi o movimento de proteger o olho, de cuidar do olho, de não se diminuir com a troça, de não contar o troco, de não pedir a troca do olho.

Mãe não percebe somente quando seu filho chuta o ventre, percebe quando seu filho anda na ponta dos pés em cada palavra que usa. Esse movimento imperceptível de filho que avança como um soluço, um calafrio, uma contração – e que a mãe escuta como uma louca porque é parte de seu ritmo.

Mulheres têm pressentimentos longos. O Vicente esperou sua mãe dentro do seu olho.

Ao nascer, Ana apenas o reconheceu. Era o olho que sobrava. Seu olho preto. Pretíssimo. Olho de brinco de pérola.

UMA TOALHA E OITO VIDAS

Quando criança, Ésio não queria tomar banho. Não por preguiça ou desleixo. Não por receio ou molecagem. Não queria tomar banho porque não poderia se secar direito.

Havia apenas uma toalha para as oito crianças da casa. Ele era o caçula.

O último a receber o pano, então pesado, pegajoso e úmido. Um nojo que não podia recusar. Evitava olhar durante muito tempo o pano vermelho. Fingia independência. Mas o pano vermelho no gancho lhe torturava dizendo: “entra, entra, entra”.

Secava leve o corpo como se fosse um azulejo. O tecido não conseguia sugar nada. Comprimia a lã com a lentidão de uma esponja. Como se estivesse em carne viva, como se fosse uma só ferida, não querendo tocar. A sensação das roupas colando na pele, a sensação de suor alheio, de vida emprestada. O cheiro usado, vencido e vendido da toalha.

Até a etiqueta não se levantava mais, derrotada pela passagem de tantos nus em menos de uma hora. Melhor era sacudir os braços tal cachorro, jogar a água longe e contar com a complacência do vento. Para se aquecer, corria ao sol se fosse de manhã ou diante do fogão a lenha se fosse de noite.

Acreditou até os cinquenta anos que foi o desfavorecido, a vítima. Ciúme dos seus sete irmãos que colhiam uma toalha mais seca, mais civilizada, mais risonha. Não compreendia a sina, o azar, a obrigação de cumprir o pior papel na fila indiana.

A pobreza fez brincadeira de mau gosto com ele. Não lhe permitia cheirar bem. Cheirava outra carne, outra pronúncia, outras covardias. Cheirava a própria falta de lugar.

Recentemente Ésio encontrou com seu irmão mais velho. O primogênito, o favorecido, o privilegiado, que pegava a toalha enquanto viva. Olhou

fundo para ele, igual a uma criança subindo no banquinho de madeira para se observar no espelho. Acertaria as contas, desabafaria.

Conteve a raiva, disfarçou a voz com ternura:

– Como era se secar bem, usar a toalha pela primeira vez?, questionou.

Desejava descobrir a alegria do irmão, já que a inveja encabulou a pergunta ao longo das décadas.

Em vez de um riso franco de superioridade, o mano fechou o rosto, entortou a boca com repulsa:

– Horrível, era horrível, aquela toalha seca e usada doía como um pano de chão. Vinda do varal, as felpas duras arrancavam o couro, um porco-espinho. Eu ficava riscado e arranhado. Eu sentia ciúme porque você recebia a toalha amaciada e fofa.

NA BALANÇA DA MATERNIDADE

O Natal em casa carrega uma maldição, que difere minha família das demais: a festa não ultrapassa às 22h. Eu me sentia esquisito com a precocidade natalina, invejando os fogos de artifícios, as bebedeiras e as ressacas dos vizinhos e amigos. Jesus nem nasceu e dormimos. É uma incompetência para a data como nunca se viu.

Minha irmã não aparece mais, não suporta a tristeza do fim da festa enquanto os outros estão começando. É um fuso horário turrão. A família desaparece da normalidade na noite de 24. Alinha-se à aparência coletiva somente no almoço do dia 25, quando é obrigada a requentar a ceia, já que os restaurantes estarão fechados e não há alternativa pública para mudar o cardápio.

Minha mãe tem a mania de jantar e dormir cedo. Quatro horas entre parentes é o teto de tolerância. Excedido o prazo, a convivência torna-se abominável. As brigas podem ser sufocadas pelos presentes e distrações alegres das crianças. Depois os familiares voltam a se odiar como de costume. Não brigamos no Natal porque – na verdade – não conversamos. Cautelosos, evitamos confissões e opiniões fortes. Evitamos, principalmente, a sinceridade.

São décadas de um rigor espontâneo. Não é um hábito forçado, é do corpo, ele fica mole, a comida embriaga, as risadas desanimam, o volume da tevê supera a coxia da mesa, a champanhe aquece parada no cálice. Os táxis estacionam na frente da residência com a porta aberta e as visitas são tragadas pela noite.

Há um dispositivo antiNatal em cada integrante dos Carpi. Acredito que é uma angústia genética.

O Vicente resiste aos condicionamentos. Não naufraga na nostalgia torrencial. Puxou a leveza de sua mãe. Com as hélices dos cílios, surge e desaparece como um submarino, ora mergulhando em sua imaginação mansa, ora levantando para as águas escuras da superfície. Ele deve ter sido a única criança de cinco anos do mundo que pediu de presente uma balança. Sim, uma balança, e explicou ao Papai Noel que não era para pesar frutas, que não tinha pretensões de minimercado.

É alucinado por medir e pesar qualquer coisa, inclusive a si mesmo. Perante farmácias, desdobra seu perfil de velocista e confere se engordou ou continua com seus vinte quilos. Sua conversa gira nos gramas adquiridos ou perdidos. Passear com ele é prever a altura estimada do pinheiro, do jacarandá, dos edifícios; regrar o olhar ao céu e ao desenho arenoso da luz.

Ao receber uma balança azul no formato de pé, esqueceu a eternidade. Dedicou sua infância a pesar a casa. O jarro de flores, as esculturas, a cristaleira, a cesta de jornais, os livros, os bonecos, uma cadeira. Uma série sem fim de proporções. Gritava os resultados e anotava no papel como se estivesse fazendo o registro do patrimônio.

Após bagunçar seriamente a ordem das peças, desmontar o quebra-cabeça das salas, recolheu o menino Jesus do presépio e o desceu mansamente na balança, tal manjedoura.

– Esse tem o peso de minha mão.

EMBRULHADO

Minha mãe até que se esforçava para esconder meus presentes – eram bolas de futebol.

Se havia um embrulho redondo, só podia ser meu. Confessava surpresa para não desanimá-la. Devia ter trabalhado de gandula em minha infância, nunca faltaria bola para reposição em campo.

Uma das grandes brigas foi com meu pai. Coitado, ele demorou meses de salário para me conseguir um boneco barbudo da moda: Falcon, que tinha uma cicatriz na testa, o contraponto masculino da Barbie dos anos de 1980. Eu adorava o Falcon principalmente pela cicatriz, em detrimento de outros colegas que exaltavam sua virilidade musculosa. Compreende-se, cortei a minha cabeça várias vezes. Era uma projeção. Logo na estreia do boneco, depois de pulos de alegria, arrebentei o braço dele. Arrebentei de propósito. Meu pai veio furioso.

– Não sabe quanto custou para estragar no primeiro dia? Que isso, filho?

Eu tremia, não o tinha visto tão brabo. Busquei explicar:

– Amei tanto que hoje quis brincar com o braço para amanhã brincar com o resto do corpo.

Com meus filhos, desisti de me presentear. Já sofri o desespero paterno de levar o Natal inteiro a montar um lava-jato, para o Vicente se envolver por uma hora com o negócio, achar interessante e esquecê-lo pelo resto da vida. Ou ler todo um manual de instruções de um carro superpotente, com controle remoto, letra de formiga morrendo, para vê-lo se deliciando de casinha com a caixa de papelão. Há presentes que servem mais para decoração do que para iluminar de sons a boca das crianças. Quando meu filho gosta de algo, é simples, faz sonoplastia e desfia conversas telepáticas no quarto. Ao permanecer mudo, o brinquedo não entrou em seu

imaginário. Será uma nova vítima da lei da compensação: de nossa mania de dar o que nunca recebemos.

Um dia comprei uma boneca que falava para Mariana. Ela tinha três anos. Flagrei-a chorando no quarto.

– O que aconteceu, Mari?

– Ela não fala a minha língua.

O detalhe que me esqueci, a boneca falava inglês. Ela havia tentado durante toda a noite ensinar “eu te amo”, e apenas saía “I love you”. Foi sua primeira decepção monoglota. Dormiu chorando: “ela não entende meu amor, não entende meu amor”...

A verdade é esta, os brinquedos divertidos são os que ainda não estão prontos.

Uma corda, um aviãozinho de papel, um barquinho, um pião, bolitas, garrafas, tampinhas. A criança não precisa de muito – basta algo que caiba em sua mão e que possibilite que ela complete com seus desejos.

O melhor presente é aquele que depende de nós, não aquele que dependemos dele.



Esta para
o Vicente

Esta para
o Vicente

Esta para
a Mariana

Esta para
a Mariana

O CORAÇÃO OU A BOCA

Filho é nosso espelho. No lago.

Por isso, nosso rosto fica mais bonito e mais fundo.

Como pai, tenho uma contravenção que vai me custar caro. Não como verdura.

A alface e o tomate, só dentro do bauru.

Devo ter seguido meu pai. Fui mimado. Não sofri fome para não recusar o que comer. Um exemplo é a vagem. Nunca comi vagem, mas a odeio desde pequeno. O cheiro, o aspecto gelatinoso de marisco. Parece um braço decepado de polvo. Sei lá como alguém decidiu que aquilo tinha vitaminas.

Procuro somente o que aprecio, homem de rituais, um deles o de não ser vegetariano e macrobiótico em nenhum momento do dia.

Criei o hábito de julgar pelos olhos. Pela cor e pela forma. Evito provar para não me arrepender ou fazer careta. Meu problema é que penso muito antes de cada garfada.

Sofria por mim. Corria riscos por mim. Mas basta colocar o filho na jogada que não suporto meus hábitos.

Vejo que ele me copia. Brigamos pela picanha e brigamos para não comer chuchu, pepino, brócolis. Minha mulher tem que me aturar como mais uma criança à mesa. Há pratos que não mudam sua geografia na toalha. Parados do início ao fim da refeição. Desencantados porque não recebem o alegre pedido: “Me passe a salada!”

Por mais que minha mulher inspire a criança, ela me usa para não tentar. Sou seu pretexto, seu argumento. Ela me imita para ser reconhecido.

“O pai não come, eu também não preciso”

O que responder?

Não dá para afirmar: “Se não comer, ficará doente”.

Logo, ele replica: “O pai vai ficar doente... Não quero o pai doente...”

Meu filho é meu espelho. No lago. Joguei a pedra do meu preconceito, e sua imagem surge distorcida. Não tenho de me orgulhar quando ele puxa minhas limitações.

Para contrariar as expectativas, tomei uma pílula de irreverência e enfrentei a vagem. Cortei a vagem em pedacinhos (quem a picota mostra que a detesta). Ao engolir, constatei que tinha razão. Eu a odeio. Mas fingi que gostava, não sei de onde retirei força para suportar seu azedume, reconheci a posição de cada dente, eu me senti dentro de um consultório procurando obturações. Mas não falei do meu asco, do meu nojo. Guardei para minha garganta.

Ele me olhava atento, filmando minhas reações. Teria que conceder seu direito de escolher. Até então escolhia por ele. Meus atos são as palavras que ficam. O julgamento. Ele estaria livre na próxima vez.

Coração de pai tem que ser maior do que a boca, senão foge.

A ESPERANÇA ANTES DA ESPERANÇA

Eu busco o Vicente na escola na terça e na sexta-feira para passarmos a tarde juntos. Mesmo que tenha trabalho, ele me acompanha e pontilhamos as tarefas com programas divertidos como cinema, futebol e brincadeiras de ocupar toda uma peça da casa. Nos outros dias, ele fica no contraturno na escola. Almoça com os colegas, tem aulas de inglês, de espanhol e de música. É um acordo amoroso.

Evidente que os dias mais alegres são aqueles que estamos acompanhados, para mim e para ele, compensando a dedicação disciplinada da semana.

Armei de fazer uma surpresa e apareci de imprevisto na quarta para levá-lo. Ele estava gripado, com uma tosse de corredor sem porta. Arrisquei um mimo. Escorei o rosto numa desculpa, como é natural de pai bobalhão e sentimental.

Nas tardes de contraturno, ele não desce com a mochila, já que permanecerá no prédio até as 17h. Curiosamente, eu o vi descendo a escada em fila indiana com a turma com sua pasta verde de sapo. É engraçado o guri caminhando com aquele peso de cadernos e exercícios, indo de um lado para outro, como um escoteiro ensolarado.

Logo que o abracei, ele não sugeriu espanto. Perguntei se a mãe havia avisado que iria buscá-lo.

– Não, pai.

– Mas por que você desceu com a mochila se sabia que não viria? Não estava combinado, repliquei.

– Na segunda, na quarta e na quinta, tenho 20% de esperança de que venha me buscar. Sempre desço com a mochila e espio para o banco que costuma sentar. Não custa nada, pai, carregar a mochila e a esperança.

Eu mordi as mangas da camisa, como sempre faço quando umedeço as pupilas. Para ocupar a motricidade. Não cogitava que desfrutaria essa conversa com meu filhote de seis anos.

- Mas você não fica triste quando não venho?
- Não, porque eu sei que não virá, a esperança é outra coisa.
- O que é?
- É acreditar que 'você vem quando não vem'.

Esforcei-me para determinar onde surgiu a esperança dele. De quem tinha herdado: de mim ou da mãe?

E lembrei que era dos dois. Da gestação. No momento em que ele nem era nascido. Avançávamos na madrugada, girávamos horas alisando a barriga, prevendo o que esse guri poderia gostar da vida, tecendo planos, apresentando as travessuras e delicadezas de sua irmã Mariana, trocando os móveis de lugar, conversando com ele no viva-voz que só existe no ventre. Acelerando o que cada um acreditava, descrevendo filmes e evocações da infância, sondando os lugares que ainda iríamos viajar. Nem aí para besteira de que ele não ouvia; claro que ouvia. Cada chute dele ou contração mais aguda, compreendíamos como resposta. Um código morse que emparelha os ouvidos. Um diálogo espírita que formou a alma do menino.

Para nascer, ele somente seguiu a nossa voz. Facilitamos.

E hoje vivemos seguindo a dele.

CONSTRANGENDO DE TERNURA

No sul, quando alguém alcança o chimarrão com a mão trocada, reage com carinho:

– Desculpe a mão.

É um cuidado redundante. Uma suavidade educada, que expande os ouvidos para escutar logo mais o ronco de satisfação da cuia.

Pai é uma figura desajeitada. Não que seja intencional, ou que se esconda em seus tropeços para ser perdoado. Uma figura atrapalhada mesmo.

Como pai, eu peço por me demorar no abraço e confundir ternura com constrangimento. Meus filhos não querem escândalo, alucinados por uma fresta para sair daquele paredão paterno a demonstrar todo o amor do mundo no meio da rua e na frente de seus colegas. É certo isso, eu vivo constrangendo minha família de ternura.

Assim adoro falsas despedidas. Não me encabulo ao dizer tchau para uma pessoa e, em seguida, reencontrá-la e renovar o tchau ou recomeçar o papo para acenar de novo. Constatei que a maioria, depois de entabular o fim da conversa, não encara mais o amigo, com vergonha de repetir o gesto. O simpático “até logo” transmuda-se em conservadora indiferença.

Pela primeira vez, minha filha Mariana, 14 anos, assistiu minha apresentação.

Estava em sua cidade, Brasília, e, no dia seguinte, me acompanharia para as férias de julho no Rio Grande do Sul. Participei do Jardim da Filosofia, debate e leitura de textos com Viviane Mosé e Sylvia Cytrão. Ninguém do público poderia adivinhar o que significava aquele encontro para mim.

Para um clássico sujeito desajeitado, fiquei ainda mais desajeitado. Minha menina que já é uma mulher, sentada na fila inicial, procurava definir o que afinal eu falava, escrevia, fazia. A luz estava em mim porque a luz não

compreendia de onde eu partia. Era um julgamento de seu amor. Ou um julgamento do meu amor. Durante toda a noite, segurei seus sessenta quilos no colo das minhas olheiras e a leveza me levou. Recordei quando a levava para dar comida aos cisnes no parque e ela brincava que seus dedos eram os dentes das aves, e esfarinhava o máximo possível o miolo antes de lançá-lo. Recordei de nossas falsas despedidas, quando doía explicar a distância e não ter voz para as palavras, ainda que juntando a minha e a dela.

– Pai, não me deixa esquecê-lo.

– Não é um adeus... Volto em breve.

E guardava sua camisa gasta entre as minhas roupas para reaver a vontade de respirar.

E suportei suas viagens para cada vez mais longe, em função do trabalho de sua mãe.

E prometia que nada nos separaria. Por vezes, desenhava seu rosto com meu traço tosco e perdido, para completar as fotografias que não tirei de seu crescimento.

Ela não me olhava, olhava para o público rindo, olhava para o público chorando, olhava o que os outros olhavam de seu pai, como que desejando roubar só para si a emoção dos outros.

Li o poema final, dedicado a ela, de joelhos. Não era mais um escritor, mas um pai ajoelhado, barca rezando remos. Ao terminar, alcancei minha folha de versos com a mão esquerda.

– Desculpe a mão, minha filha, mas é a do coração.

A BOLHA COLETIVA

Esqueci de contar quantas vezes ralei o joelho descendo ladeira de bicicleta ou jogando futebol ou brincando de Flash Gordon entre materiais de construção. Recordo claramente que levei 35 pontos na cabeça, resultado de cinco quedas. Os atendentes do pronto-socorro já me recebiam pelo nome. Escorregava em ladrilhos, batia a testa em quinas no pega-pega, lançava o corpo na corda do varal esperando atingir o outro lado... Fui uma peste, misto de azarado e distraído.

Apesar dos acidentes, minha mãe não me colocava de castigo. Não me proibia a infância. Orientava apenas que tomasse cuidado. Não era nem intolerante, muito menos condescendente. Um gesto que traduzo como firmeza de carinho.

Diverso da minha criação, meu filho de seis anos ainda não correu atrás de um galo, não duvido que fuja de um pavão, é desconfiado com os cachorros, pedirá licença para subir no telhado, não promoverá guerra de frutas, tampouco arremessará bexiguinha nos passantes, que voltarão menos irritados para suas casas. Está preso a um apartamento e a um entendimento virtual do que existe e do que não existe. Conhece a natureza por ouvir falar, por ler, por assistir, por espiar de longe no zoológico, com as muradas de proteção.

Ele mal reclama um ai, que estou o amparando. Não o permito chorar. Não o deixo penar. Quero substituí-lo para que não sofra nenhum arranhão. Sou seu dublê emocional. É amor, eu sei, entretanto, um amor que não permite que cresça sem mim. Não o ajudo a criar resistência. Uma intimidade que o fragiliza, que não o inspira a responder por sua conta e se responsabilizar pela pergunta. Tenho de estar perto, não no lugar dele.

O protecionismo gera crianças sem anticorpos sociais. Sem reação. Teoricamente preparadas para preservar o ambiente, tecnicamente incapazes

de discernir o que é necessário ou não, o que comove ou não, o que é bom ou ruim. O que adianta uma pele sem cicatrizes numa alma apavorada?

Com o pretexto verídico da violência, dos assaltos e dos sequestros, subtraímos o envolvimento com os vizinhos e o mundo. O corredor do prédio tornou-se o meio da rua.

Meu filho não pode tomar banho de chuva porque irá se gripar. Mas é na chuva que provará o milagre da água. Meu filho não pode se sujar numa festa de aniversário porque estragará sua roupa nova. Mas é na lama que alcançará a cumplicidade da aventura. Meu filho não poderá mexer no fogão porque é certo que vai se queimar (quando eu cozinhava desde os dez anos para ajudar a mãe no serviço). Meu filho terá que ir a um psicólogo para resolver sua falta de concentração na escola. Os pais usam os filhos para cumprirem seus tratamentos por tabela.

Como propor um cuidado com as árvores se não explico o que é uma pitangueira, um flamboyant, uma figueira? Como se aproximar dos passarinhos se não nomeio um pardal ou um sabiá? Como ensinar ecologia aos filhos transmitindo o medo do contato, o medo do convívio? Medo de experimentar. Medo de machucar e sarar, de dar a volta por cima.

Isolamos os pequenos dos perigos para que eles não corram riscos nenhum. Coletivizamos a bolha. Sem o mínimo de vulnerabilidade, não descobrem seus próprios limites. Acham tudo possível. Prevenindo o pior, eliminamos o que há de mais notável na vida: a espontaneidade. A possibilidade terapêutica de simplesmente dizer diante de uma ferida que “não foi nada”, e soprar um arranhão.

DICIONÁRIO APROXIMADO

Eu sou o dicionário vivo de minha filha adolescente, qual pai não é?

Mais usado do que a edição de bolso. Uma geladeira de sinônimos e ímãs, para abrir ao menor sinal de apetite.

Ela está lendo os contos de Machado de Assis. Duas páginas viradas, surge uma pergunta:

– Paiê, o que significa...?

Posso estar no escritório e ela no quarto; a distância não desanima seu timbre.

Cesso meus poemas, viro o pescoço como galho fácil de pitangueira e respondo com calma e exemplos, disposto a contentá-la imediatamente e suspender a réplica.

Provisória trégua, em que ela não refuta e retomo a concentração. Quando volto a deslizar em meus pensamentos, quando readquiro o hábito da melodia em busca do verso, um novo baque: apesar da explicação, a teimosa foi consultar o dicionário e reiniciou a batalha de sua curiosidade.

– Mas o dicionário diz que é....

Pego no flagra. Não escapei de sua polícia vocabular. Ela consegue me colocar agora contra o dicionário. Além de não aprovar minha resposta, detecta uma distorção e quer esclarecer como posso conhecer uma palavra de modo errado. Eu me vejo processado. Questiona se tenho álibis para me inocentar daquele assassinato covarde do vocábulo. Talvez me livrasse denunciando algum professor que me passou uma origem torta. Quem sabe incriminando minha mãe? Mas recuso a delação pela honra pessoal.

Sou levado à sala escura de seus óculos, diante do espelho que reflete de um lado e é transparente do outro. Os principais autores da língua portuguesa são convocados para me identificar e confirmar a suspeita.

Ela apressa os murmúrios, empareda meu rosto, pressiona as covas do riso, batendo seus pezinhos na madeira da cama. Repito toda a história etimológica, com o cuidado de não florear demais. Dali por diante, devo esquecer a paz do trabalho.

– É grave, há quanto tempo você guarda versões equivocadas dessa palavra? É perjúrio! (não sei se ela lê Machado de Assis ou Pontes de Miranda)

– Não é perjúrio, é entendimento popular. Logo o dicionário vai deglutir a minha ideia.

– O que é deglutir?

– Deixa pra lá... Não cometo o mesmo crime duas vezes.

Eu sou o dicionário morto de minha filha adolescente.

PASSARINHADA

Rodrigo foi o primeiro irmão a pernoitar com o Vicente. O menino é caseiro, teimoso de sua cama, arredio para mudanças climáticas.

Mas todo tio guarda uma mistura prazerosa de guardião e cúmplice. Uma desobrigação amável. Tem leite açucarado nos olhos. Convence fácil. Convidou o menino a trabalhar, abrir buracos, plantar árvores, arrumar pedras. Qual criança que não gosta de se sujar?

Presenteou o guri com um par de galochas e luvas verdes para que enfrentasse o novo serviço florestal. O pequeno entendeu a súplica e decidiu ser independente na vida e dormir na chácara longe dos pais.

Voltou contente com uma casinha de barro para passarinho. Não quis que eu carregasse até o terraço.

– Eu carrego, é minha!

Subiu as escadas correndo, nem aí para meus temores de queda e choro.

Quando entrou no apartamento, suspirou aliviado da responsabilidade cumprida.

– Viu que eu consigo?

Ao relaxar, a casa escapou da sacola e se espatifou bonito na sala de estar.

Não tive tempo de responder.

Ele não chorou, pegou uma pazinha e esperou que eu viesse com a vassoura. O silêncio era sua penitência.

Prometi que faria um condomínio de aves, compraria três casas e colocaríamos como degraus na parede de fora. Ele dormiu pensando naquilo. Acordou pensando naquilo. Entrou na escola pensando naquilo. Retornou da escola pensando naquilo.

Cuidado com qualquer promessa feita a uma criança. Ela não esquece e cobra seus minutos de desassossego.

Vicente me rodeava e me rodeava sem falar nada. Entendia o que ansiava e fingia não entender. Eu regressava de viagem, bem atrapalhado: compromissos amontoados e aulas a planejar. Quase furioso. Porém, não resisti aos seus círculos insistentes. “Vou resolver logo isso!”, admiti. Larguei a caneta vermelha para sair em expedição pela cidade.

Sem furadeira, chamei o electricista Inácio, meu faz-tudo. Combinei um horário apertado. Em duas horas, teria de almoçar com o filhote, dar banho, adquirir o material, realizar o supermercado, aguardar o amigo, antes de ir para universidade. Pai fracassará em alguma coisa, desde que não seja na cria.

Inácio instalou as casinhas vermelhas e azuis.

Lindas. Duas lembram ocas; a outra exhibe dois andares, com varanda.

– Está contente, Vicente?

– Sim, pai, muito.

Fui me despedir do electricista, com a palavra apaziguada e a missão concluída. De modo extravagante, ele recuou:

– Não, não está pronto...

– Como assim?, Vicente pergunta.

– Os passarinhos não virão para cá.

Vicente fica repentinamente chateado, com beijo no joelho e fuça úmida de cachorro no parque.

– Por quê?

– As casas não têm número, os passarinhos vão se perder e nunca vão achá-las, explica Inácio.

Era tudo o que eu desejava. Que o electricista inventasse de ser poeta.

Meu menino dormiu pensando naquilo. Acordou pensando naquilo. Entrou na escola pensando naquilo. Retornou da escola pensando naquilo.



O PRIMEIRO GOL DE MEU FILHO

Se você adora futebol, quis ser jogador quando pequeno e tem um filho numa escolinha: cuidado. Muito cuidado. É natural que se transforme no mais chato dos pais, o técnico.

O pai-técnico gritará no alambrado, abusará de caretas e sinais e não se contentará com que seu filho fará em campo. Em vez de xingar o juiz, amaldiçoa a professora, reclama que seu filho não recebe as mesmas chances, articula conspirações e injustiças.

Não que ele não ame o filho, é que ele projeta na criança o que ele foi ou o que poderia ter sido. E tenta corrigir sua história e vestir finalmente a camiseta de um time profissional na pele dele.

Confunde torcida com cobrança, confunde entusiasmo com rigor, confunde apoio com pressão.

O pai-técnico é o estágio inicial do pai-empresário, que é o chato profissional, ou o pai-profissional, ainda mais insuportável. Conduz a mediação dos convites, encaminha regras precoces, impõe dedicação exclusiva e decide pelo filho, tudo pelo seu aparente “bem-estar”.

Ele se mete a gerenciar a carreira do filho, com a alegação de protegê-lo dos oportunistas. Como se a infância permitisse carreiras. Não percebe que está explorando o trabalho infantil em sua própria casa.

A frase antológica do pai-técnico: “Confia em mim, eu sei melhor do que você”. É de uma arrogância canina.

Eu experimentei a minha recaída na segunda aula de Vicente. Meu menino de seis anos é tímido e generoso. Ele saltitava em campo pela felicidade de estar entre os colegas da escola. Era um torcedor dentro da quadra. Quando recebia a bola, não saía em disparada, logo passava para o primeiro livre de marcação.

Não assinalou um mísero gol. Aquilo me frustrou. Ao final, armei o sermão de que ele tinha que ser individualista, pegar a bola, driblar e chutar. Expliquei que o jogo era fácil. E não podia ficar pulando, distraído, em qualquer jogada. Ou se atirar no chão para dublar o lance.

Ele chorou. “Você não me falou nenhuma coisa boa”. E finalizou decepcionado:

– Eu atendi ao pedido da professora: tocar a bola, aprender.

Eu me calei, arrependido. Engoli o estômago de volta, acompanharia o menino agora em silêncio. Quietinho em meu degrau de pedra. Roendo as golas do blusão.

Ele penava porque estava na quarta partida e não havia feito gol.

– Pai, será que hoje eu consigo?

O milésimo gol de Romário não foi tão angustiante quanto o primeiro gol de meu filho.

– Não sei, mas joga sem pensar nisso.

Na última sexta, ele se fardou e se reuniu novamente com a turma no ginásio. Já me bateu o nervosismo quando não era chamado pelos dois guris que escolhiam os times.

“Que não seja o último, que não seja o último...”

Não foi; seu nome surgiu na terceira rodada. Ufa, um trauma a menos.

No primeiro jogo, seu time venceu. Nenhum gol dele.

No segundo jogo, seu time venceu. Nenhum gol dele.

Havia perdido a esperança e ensaiava um discurso consolador de insistência e garra.

No terceiro jogo, Vicente, vivíssimo e atilado, arrematava com força. Uma confusão na área adversária, a bola ricocheteando de um lado ao outro para encontrar seu pé esticado.

Gol! Gol!

Eu pulava, ele pulava. Ambos nos engalfinhamos telepaticamente em risos e palhaçadas. A cena mais ridícula para um pai que não é técnico é quando ele comemora. Ele denuncia seu amadorismo. Porque o pai-técnico trata o gol como obrigação e nem mexe as sobrancelhas.

Eu abraçava todos perto de mim: os pais, as babás, as serventes, batendo em suas costas à procura de uma porta ou de uma costela.

Em seguida, Vicente tomou a confiança que precisava e limpou um adversário e chutou de longe.

Mais um gol, no canto, com sabedoria. Ao retornar ao meio de campo, olhava para mim com o sinal de dois. Dois. Dois. Entendi também que ele me reunia em sua mão. Dois: eu e ele.

Eu ouvia seu batimento rindo, apesar da distância que fingia nos separar.

Sáimos juntos abraçados. Surpresos com o sol lá fora.

– Foi bom o jogo, né?

– Não é jogo, pai, é brincadeira. Jogar futebol é brincadeira.

Aos pais, digo enquanto é cedo, deixe a criança brincar. Depois que crescemos, não entendemos mais nada de futebol.

UMA FATIA DE TORTA

Não sofri fome em minha vida. FOME. Como a descrita por Nelson Rodrigues, de comer água.

Nem sei o que é carência. Apesar da verdade que me falta, entendo o que é falso.

Meu filho voltou desapontado do aniversário de um amigo.

Disse que havia sido o pior de sua vida, bem exagerado como seu pai.

Eu fui buscá-lo e meio que visualizei o drama no salão. Era uma festa-fantasia.

Não havia um só menino ou menina que acatou a sugestão de dublar um super-herói. Mas, em compensação, a maioria dos pais circulava com capuz, capa, lantejoulas, suspensórios, pinturas e brilhos.

A festa serviu mais para os adultos do que para os pequenos.

Talvez meu filho quisesse se sentir inteiro, fiel a si. Ele não precisava se fantasiar, ainda está na infância.

Os adultos é que usaram o pretexto infantil para liberar seu armário e destrancar os brinquedos da nostalgia.

Em São Sepé, eu me prontifiquei a atender numa padaria. Implorei ao dono, para susto das funcionárias. Elas me forneceram touca e avental. Aprendi a fazer expresso, preparei torradas e limpava a mesa com um paninho de álcool. Vivia o suspense do outro lado da cortina, a expectativa de quem iria chegar.

Uma senhora entrou com um menino e sentaram no balcão azul.

Ela apontou para a torta de chocolate.

– Duas fatias?, perguntei.

– Uma só, ela respondeu.

Levei um generoso prato para o guri, que deixou as mãos para trás e se aproximou do pedaço com o rosto. Assim como quem não acredita.

Cintilavam suas pupilas negras. Tinham uma lupa escondida nelas, que granulavam o reflexo.

Comeu esperançoso, recolhendo o fundo do leite condensado do prato. Comeu não, bebeu a torta. Quanto mais avançava, hesitava com receio de terminar sozinho.

– Vó, vó, prova?

– Não, é seu aniversário... É toda sua.

E me dei conta que ele estava comemorando oito anos e recebia de presente a torta. Seria seu único presente. Nem por isso, menos valioso. Quantas vezes, na cidade pequena, os dois passaram pela frente da padaria e reavivaram a promessa?

Chegou finalmente o dia. O banquete. A roupa limpa de missa, o guardanapo, o banco alto, o pedido.

A avó respeitava sua alegria. Debruçada de lado para os movimentos do pequeno. Podia estar com fome, mas censurava o avanço.

Não solicitaram nenhum refrigerante ou suco. O brigadeiro descia a seco pela garganta, completando os dentes de leite.

Não ousaria pagar a fatia ou oferecer o doce. Seria arrancar da mulher o direito da dádiva. Banalizar sua oferta. Restava permanecer como espectador, sem me incluir entre eles, apesar do desejo de nascer naquele instante.

Não perguntei se ele gostaria de repetir. Tampouco demonstrou contrariedade com o fim, apenas girou o corpo para a rua à espera do próximo ano. Segurou o pulso da avó como quem ajusta a manga da camisa. E me partiram por dentro.

Os melhores aniversários são os mais singelos, desesperadamente necessários. O que ninguém nota que está acontecendo, além de nós.

E que não será esquecido pelo sacrifício que um fez pelo outro.

PARA QUE SERVEM OS CÍLIOS?

Criança não chora por qualquer coisa. É uma arte que vem do berço.

O *choro de fome* com cólica é um resmungo. Nos primeiros meses, ela nem tem como exercitar muito, logo é atendida e termina seus ensaios. É o choro deitado, com o apoio das pernas.

O *choro da queda* não acontece rápido. A criança chora menos pelo tombo, mais porque os pais chegam gritando, culpados. É o choro voado.

Já o *choro da birra*, a criança cresceu, percebe que gritar é feio e chora no lugar da voz. Não há alternância, é um choro que tenta convencer o corpo a participar. Chamaria de choro sentado. Só esforço. Acontece em mercados e lojas infantis, quando ela quer algo que não será dado. É um teste de força e poder. Fácil de terminar, desde que seus pais não fiquem brabos e contrariados com a exposição pública. É um choro que cresce com a resistência e desaparece com a distração. Ao mudar de assunto, a criança desconcentra-se e entrega as armas.

O *choro da vergonha*. É o choro-miado. A criança sente que errou, volta-se para nossas pernas e precisa aceitar novamente o mundo com suas falhas. Não force.

O *choro da perda* é o mais trágico e fundo, espécie de choro soluço. Desidratado. Caracterizo de choro eterno. Um choro que demora três dias ou três anos para realmente ocorrer. Esteja por perto.

O *choro da raiva* consiste no desabafo de punhos fechados. Choro por uma injustiça. Seco, tímido, contido. Uma nota ruim, o abandono de um colega, uma denúncia emprestada, uma repreensão equivocada do professor. É um choro que será comentado com um palavrão. Aliás, o palavrão é o próprio choro.

O *choro da febre* é invisível. O corpo amolecido não fica com vontade de chorar. É o choro da nuca, do suor. Pais passam a noite acordados, fotografando a temperatura da pele.

O *choro da vitória* vem com o riso. O melhor, mas não mostre para a criança que ela está chorando. Ela já sabe. É o choro do salto, acompanhado de alguns pulos.

O *choro da surpresa* surge em festas de aniversário ou quando um dia supera a expectativa. É o choro do suspiro.

Choro não é igual.

Talvez o gosto da lágrima seja o primeiro alimento do bebê. O primeiro soro.

Ao nascer, logo presente o rosto aquecido da mãe, banhado nas pálpebras.

Dois açudes para brincar em meio a uma alegria tremenda.

Mãe quando toma seu bebê nos braços chora copiosamente.

Acho que nem é choro, são olhos derretendo. Ela chora por antecipação: chora já o enxergando caminhando, já o enxergando segurando um guarda-chuva, já o enxergando pronunciando seu nome, já o enxergando lendo o primeiro cartaz, já o enxergando entrando na escola, já o enxergando escolhendo suas roupas.

O bebê recebe da face materna um filete de bênção.

Entende – desde então – que chorar é abraçar com os olhos.



GERAÇÃO EGOÍSTA?

Minha mãe, 69 anos, dizia que nunca mandaria um *e-mail*, já era tarde para aprender. Meu pai da mesma idade confessou que continuaria a escrever seus poemas à máquina, já era tarde para mudar.

A mesma mãe chega agora a me pedir que entre no MSN para conversar com ela. Quase tive um troço ao receber suas carinhas amarelas na caixa de diálogo. Pode? O mesmo pai passa dias escolhendo a letra de seus livros no computador, até faz as capas e monta imagens. Pode?

Quem ensinou eles não fui eu, nem meus irmãos. Foram meus filhos ou filhos da Carla, seus netos.

Ficava louco de receio de que a tecnologia aprisionasse as crianças e as convertesse em protótipos egoístas.

A tecnologia aproximou a família. Os pequenos são nossos professores. Aprendem com os colegas e repassam seus conhecimentos com um destemor invejável.

Eles não querem seguir à frente, são generosos, vêm nos buscar para acompanhá-los. Há uma bondade em não deixar ninguém sem saber menos. Uma troca que não existia antes. Por exemplo, eu não aprendi a datilografar em casa. Mandaram-me para um curso das regras da ABNT. Sovei as teclas durante seis meses, para receber um diploma aos 15 anos. Hoje eu ensino meu filho de cinco anos a teclar, sem a necessidade de sofrer com a histeria de um compromisso. A tecnologia é lazer aos filhos, prazer, extensão dos dedos, não trabalho e sacrifício como eu e meus pais enxergavam o assunto, com pavor dos cursos e dos testes. Essa é a diferença: eles estão brincando, nós estávamos projetando uma carreira. Quem dará mais certo? Eles, óbvio.

Não é a geração do constrangimento, é a geração do desembaraço. Comunica-se mais cedo, utiliza o mouse como se fosse a corda de um pião,

define um jeito de economizar dentro das opções da rede. Filhos são *download* gratuitos.

Quem me enxerga de iPod na rua pode acreditar que sou malandro. Um careca fazendo mímica na rua. Mas não pense que baixei as músicas no meu aparelho. Minha filha Mariana, 14 anos, me ajudou a instalar o programa e escolheu boa parte do repertório. O único inconveniente são as músicas. Meus ouvidos estão plugados nos seus gostos. Temo até mostrar os headphones para terceiros. Vão pensar que estou em crise de meia-idade.

Mas como os filhos nos ensinam os macetes e os acessos, entendemos o que gostam, o que admiram, o que querem. É mais fácil de orientar. Não é mais cada um em seu quarto, é o quarto conectado a todos os quartos. Já sei a gíria do adolescente, já sei toda a programação do Discovery Kids. Sento para assistir desenhos com o Vicente, comento, pesco o que ele está pescando, percebo os momentos de sua curiosidade e o que o faz tremer de rir. Ainda ele corrige a pronúncia de meu inglês. Pode?

Não há horários preestabelecidos, há respeito pela individualidade. Assim como meu futebol, o seriado ou a animação de meus filhos são sagrados. Não é tudo ao mesmo tempo, mas todos ao mesmo tempo.

MUITO POUCOS

Brincava com Vicente no mercado. Perguntava a cada corredor:

– Aqui tem feijão?

Ele olhava a placa indicativa e tinha que descobrir.

Mas ele foi acertando sem parar, a desconfiança coçando meus cotovelos. Tomei um montante de produtos nos braços e indagava o que era. Foi respondendo com firmeza:

– Fixador!

– Chá verde

– Condicionador.

– Biscoitos.

Meu filho estava lendo! De onde? Como? Não soletrava, lia com a rapidez de legenda. Voracidade. Como que aconteceu?

Qualquer coisa que observava, decifrava e ria, nem esperava minha confirmação. Dia 24 de fevereiro, quatro depois de completar seis anos, um dia antes de ir para a 1ª série, Vicente estava lendo.

Eu que parei a aula dentro de casa para não forçá-lo. Por ser escritor, ansiava que aprendesse por mim. Mas ele não estava disposto, o que não significa que não prestava atenção. Diante do quadro-negro, descobri que cada um tem seu ritmo. Notei que ele queria mais brincar do que escrever e ler. Larguei o giz ao seu tempo – porque ler é uma descoberta individual, uma aceitação do mundo. Quando coagimos, subtraímos a alegria da revelação. Teria de permanecer natural e demonstrar o quanto um livro não é chato, o quanto gostava de medir as palavras com o lápis.

Eu e a sua mãe, Ana, recitávamos histórias infantis ao entardecer. Nosso menino questionava como se escrevia cada palavra para montar seus jornais e desenhos, sem nenhuma pressão. Nunca identificamos se ele já sabia ou não, pois errava uma coisa ou outra, seguia adiante, não se exibia.

No mercado, ele lembrava um passarinho, que não precisa fazer força para planar. Um passarinho que vai andar e já salta, vai saltar e já voa. As prateleiras subiam: céu e impulso, bordado e casamento, ponte e leveza. A linguagem foi se abrindo para ele passar. Já valeu ter vindo ao mundo como pai para assistir o espetáculo de minha criança encontrando sentido no pacote de farinha.

A emoção é suborno, não dá para explicar direito. Folhetos, cartazes, peças promocionais, nunca gostei tanto de propaganda.

Eu enchia o carrinho de mantimentos que não iria comprar – somente para ele me dizer o que estava escrito. Fiquei descompassado; a Ana chorava, esqueceu metade da lista, mordida os dedos de ansiedade. Ele já não entendia nossa reação. Ou entendia do jeito dele, comovendo-se junto.

De uma hora para outra, não havia mais espaço entre as letras. De uma hora para outra, ele se transformava numa biblioteca.

A alfabetização é um milagre. Não é coisa de homem, eu virei místico. Eu virei um crente. Todo pai vira uma Bíblia quando seu filho aprende a ler. É um susto de amor. Um susto bom, quente.

É um repente, o avesso da miopia, o avesso do astigmatismo. As frases não se contorciam. Não dependia de óculos, e sim de mais olhos. Mais olhos, por favor. Eu comecei a ler o meu filho lendo. Outra leitura dentro da leitura. Suspendi a respiração para não discordar do vento.

Perguntei se ele fazia isso antes. Preocupado em não me magoar, falou envergonhado:

– Um pouco. Hoje são muito poucos.

Muito poucos. Tudo tem seu momento. Mesmo quando acreditamos que podemos, nos preparamos em segredo. Guardamos os pequenos esforços para reuni-los num encontro. É uma economia da fé, os trocados da fé resguardados no fecho de uma niqueleira. O alto valor feito de mínimos depósitos.

De noite, eu dormi com ele me lendo seu primeiro livro. A retribuição do colo.

DIA DOS PAIS

Minhas pernas são roletas livres em feriados. Volto caminhando do estádio. Quando o time perde, o trajeto do Beira-Rio ao centro é sorvido inteiramente pelas mágoas. Quando o time ganha, tampouco reparo no caminho pela adrenalina dos comentários no rádio.

Porto Alegre poderia ser atravessada a pé. Eu quase a percorri em minha infância na caça de campinhos com rede, ou no regresso de festas, de madrugada, excluído dos horários de ônibus.

É tranquilo caminhar absorto, afastado da ideia de estar caminhando, longe de prever quantos quarteirões faltam. Na indiferença, chegamos mais rápidos.

Não foi o que ocorreu no domingo. Passei pela frente do prédio da Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos. Nome pomposo, perfeito para virar uma sigla (FDRH) e desaparecer sua origem. Já fiz um estágio por aqueles balcões, no tempo que cursava jornalismo. Evocava a época de minha expectativa adolescente, o medo de não dizer as palavras certas na entrevista e perder a chance de trabalho, quando estranhei um homem colado à porta. Não parecia um segurança, não tinha uniforme. O serviço estava fechado. Já eram 21h.

Ele tentava ler as ofertas de emprego no escuro. Os classificados afixados na porta. Ia com a esferográfica do dedo linha a linha. Surdo à multidão que tomava as ruas na saída da partida.

O filho tecia uma silenciosa vigília. Com capuz do casaco, analisava os passantes. Meio que constrangido, meio com frio. De costas ao pai. Quase como quem faz a cobertura de um assalto, reparando nos movimentos estranhos da rua.

Seu pai devorava as listas na noite dura, afastado das luminárias. Poupança a luz mortífera das córneas, a única disponível nas redondezas.

Eu me perguntava, dolorido: o que faria uma família sair no Dia dos Pais para consultar empregos?

Alguém já enfrentou esse desespero para entender? Será que ele deixou sua residência determinado a conseguir alguma coisa, qualquer coisa, para contentar a primeira parcela do seu sofrimento? Não falo de uma garantia, mas da esperança de uma possibilidade, para acordar mais disposto e menos demitido em si. Menos sem graça para se levantar da cama.

O máximo de empobrecimento que experimentei foi escolher as contas que não iria pagar. Botá-las na mesa e optar entre o necessário e o fundamental. E já foi insuportável.

O filho dizia:

– Vamos embora, pai!

O pai replicava:

– Só mais um minutinho.

Um minutinho que durava séculos nas rugas do pai atento. Nas contrações do queixo. Ele queria ser outro para admitir mexer a perna do território daquele capacho. Precisava ser outro imediatamente para voltar a ser ele e encarar o seu pequeno.

Nunca me avizinhei dessa dor de não ter comida na mesa, do corte da luz e telefone, de engrossar a comida colocando mais água na panela.

Eu o observei rapidamente e não poderia me aproximar para oferecer nada. Não é caridade que buscava, é o que não poderia dar e que unicamente ele poderia encontrar. De preferência, sozinho, para afirmar a si e ao seu menino que agora seria diferente.

UMA LISTA

Era um momento infernal: entregar textos para jornal, corrigir provas da universidade, planejar palestras, organizar uma antologia. Os prazos expirando velozmente. Sabe quando não há fresta para consultar o relógio? Baixa-se a cabeça no livro e no computador, suspendendo somente para levantar a xícara de café. Notei que meu filho desenhava de pé. Quando ele desenha de pé, tem a fé que vou convidá-lo para alguma brincadeira.

- Muito trabalho, pai?
- Sim, hoje não poderei brincar...
- Não pedi nada. Pode trabalhar, ficarei aqui torcendo...
- Torcendo para quê?
- Para que seu trabalho termine logo.

Como se concentrar com o filhote pertinho, cheiroso, com seu rosto de maçã mordida? Empunhei o pescoço com mais força. Vou apressar e finalizar o quanto antes para cuidá-lo.

Quinze minutos e ele se aproxima, tímido, cuidando para não me ferir com palavras, e me mostra seu desenho. Finjo que leio, digo “bonito” pensando em outra coisa. Mas, sem querer, leio mesmo:

- 1) *Ler livros*
- 2) *Escrever textos*
- 3) *Falar ao telefone*
- 4) *Brincar com Vicente*
- 5) *Ser feliz*

Danado, ele preparou o roteiro das minhas atividades e me entregou, a exemplo da lista que recebemos da sua mãe para fazer supermercado nas tardes de sexta.

- Para não esquecer nada, pai...

Observei a pilha de papéis e compromissos e me cresceu uma compaixão de mim, não dele, e fechei o expediente com um desaforo gostoso. Larguei as falsas urgências por uma urgência maior: ser pai. Pai não é quando sobra tempo, é quando falta tempo.

– Vicente, lembra da caixa de violão da sua irmã que iríamos transformar num boneco?

– Sim. A vó queria jogar fora e não aceitei.

– Seis meses que eu prometo e o boneco nascerá agora.

Ele pulou em mim, mas antes riscou os quatro itens da lista, para não perder a disciplina. Entornamos várias revistas, escolhemos gravuras para colar no papelão e encher seu corpo com figuras prediletas. Significativas. 1m10 de colagens.

O telefone tocava e não atendia. Estava em reunião... com meu filho.

Dois dias de absoluta entrega. Saímos para comprar material de costura. O fundo do rosto do boneco foi composto de pétalas brancas de rosas, buquê fresco da floreira da esquina. Formamos os olhos com dois botões (lilás), a boca é um zíper (vermelho, que se abre para o riso), o nariz veio de um prendedor de roupa.

Após a camada de recortes de revistas, pintamos o dorso com tinta branca, criamos dois braços de isopor, aplicamos uma mão de goma e, em seguida, de verniz.

Pronto! Deixamos secar. Como é inverno no sul, frio de renguear cusco, emprestei meu blusão colorido. Vestimos o nosso pimpolho. Faltava um nome, veio sem cerimônia: Viola, já que surgiu da caixa do instrumento.

– Viola tem alma?, ele questionou.

– Tem, é a música. Por dentro, ele continua pensando que está carregando o violão.

Levamos Viola para almoçar com a família no restaurante. As pessoas paravam para perguntar se era um exercício da escola.

– Que nada, replicava Vicente, é trabalho de amor em nossa casa.



O AMOR DE MEU FILHO PELAS MULHERES

Vicente foi comprar flores comigo. Sua estreia na escolha de arranjos para sua mãe.

O mais curioso é que ele me compreende com o franzir dos ombros. Pai e filho. Um sinal e estamos alinhados. Não digo nada, e ele intui. Nunca extravaso minhas segundas intenções, ele pega no ar.

O guri estava com Ana, e despistei:

– Vicente, tenho que procurar cola. Vem comigo?

Ana não desejava perder sua companhia na loja: “Mas tinha um tubo na semana passada”.

Vicente logo tomou a dianteira da conversa e corrigiu: “Não tem mais, precisamos buscar”.

Ao sair comigo, explicou que não era uma mentira.

– Eu não menti, usei uma lembrança velha.

Empregou a recordação da última semana de fevereiro.

– Pai. Se eu mentisse, ela não acreditaria.

Descemos a rua para a nossa floricultura (nossa é modo de dizer, frequentamos sempre a mesma floricultura, o mesmo açougue, o mesmo mercado, a mesma tabacaria). A cidade é fiel.

Optamos por um buquê de rosas. Uma dúzia.

– Meia dúzia é metade do amor, comentou. Uma dúzia, não resta dúvida.

Aceitei seus argumentos. Ele é mais romântico do que eu.

Ficamos na salinha em que as mulheres preparavam o buquê.

A rosa é balão de aniversário. Uma rosa é soprada para se abrir. Antes de qualquer mulher receber, um pulmão visita suas pétalas. Aquece as paredes rubras. Vicente soprou, o linho da flor coçou sua boca. Riu, soprou de novo,

e o miolo girou como ponteiro de uma bússola, do norte para o sul do seu rosto.

– Ela me olhou – ele pulava. A rosa me olhou!

Depois escrevemos juntos o bilhete. Recusamos o bloco de rascunhos. Pela primeira vez, Ana receberia cartão de dois homens. Eu anotei minha dedicatória, ele assumiu a caneta e redigiu: “Amo e Amo e Amo e Amo e Adoro para Amar”.

Não poderia ser mais perfeito.

De volta para o sol da calçada, ele segurava o buquê, altivo e abençoado. Um colete de ramos verdes.

– Eu seguro bem?

– Sim, meu filho. É importante caminhar com as rosas para que elas possam sentir o que você está sentindo pela pessoa que ama. Tanto que eu prefiro entregar pessoalmente a mandar alguém em meu lugar. As rosas são atentas.

– Pai?

– O quê?

– Estou com vontade de chorar. As rosas vão chorar comigo?

Chora. Deixa a mãe secar suas lágrimas.

O AVIÃO NO TELHADO

Vida em família não é tediosa.

Vicente recebeu do seu tio Rodrigo um aviãozinho com controle remoto. O detalhe é que meu filho mora num apartamento. No segundo dia do brinquedo, depois de arremessá-lo loucamente pelas paredes da sala e testar a resistência aerodinâmica do planador, ele subiu confiante ao terraço. Foi um minuto ocupado ao telefone e apenas vi o avião subir, subir, subir.

Subiu para além de nossas grades e parou no telhado do prédio ao lado. No pavilhão cinza, inacessível, que serve por algumas horas como escritório de advocacia. A mesma casa onde no pátio repousam três de nossas bolas de futebol. Eu gritei não, Vicente deve ter virado o controle para tentar seu retorno, mas o voo foi suicida.

Seu desalento não piorou porque ele se sentia culpado pela rota.

– Eu nem sujei o avião, reclamava.

De manhã, ao levantar para escola, transmitia um boletim atualizado do desastre: o avião ainda estava lá. Mantinha sua esperança por sobreviventes.

Esperávamos uma lufada de vento para levá-lo até o chão. Mas o sol parava o ar. As palmeiras não reboavam.

Doía vê-lo acenar para o brinquedinho, acalmando a tripulação invisível:

– O resgate está próximo, aguentem firme.

Ou quando ele manuseava o controle da janela e as hélices se mexiam com fervor, sem esboçar uma reação.

O avião era agora uma rã desfalcada das pernas, encalhada nas telhas.

Minha impotência foi aumentando. Eu me enxergava menos pai e mais seu irmão desanimado. Sonhei até que era um bombeiro salvando uma frota de caças de isopor em fogaréu na escola Imperatriz Leopoldina, de minha infância.

Quando li no jornal que viriam pancadas de chuva, eu tremi. O avião deixaria de funcionar.

Desci para a casa vizinha, possuído pelo recalque. A advogada atendeu. Finalmente tinha gente ali – suspirei aliviado. Ela não assimilou a moral da visita. No meio do expediente, aparece um sujeito folgado lamentando que perdeu o avião do filho.

– Não tenho nada para dar, –, ela deduziu que fosse um pedinte com discurso moderno e logo me interrompeu.

Não é um enredo muito recorrente. Expliquei três vezes para que não sofresse do pânico de um sequestro. Procurei palavras difíceis para mostrar cultura. Ela aceitou que subisse, com um porém:

– É tua responsabilidade se cair de lá.

Eu devolvi com humor:

– Se eu cair, não terei mais responsabilidade.

Já estava arrependido da brincadeira, segui adiante:

– Onde está a escada?

– Não tem escada, comentou.

E agora? Tenho licença para subir, mas sem escada.

Corri para a construção da frente e pedi aos funcionários que me emprestassem uma escada para subir no telhado e pegar o avião de controle remoto do meu filho que estava na casa do vizinho porque só tinha permissão para subir agora e poderia cair chuva e o escritório fecha às 17h.

Eles me entenderam. Ou não me entenderam e ficaram assustados.

Atravessei a rua com uma escada daquelas que não existe simetria nos degraus. Degraus salteados. Riso banguela.

Mas a escada não atingia a marquise, não me permitia chegar ao topo. Faltavam 40 centímetros.

Não podia voltar atrás, era como jogar fora todo o trabalho anterior e o constrangimento enfrentado.

Bati nas campainhas das residências solicitando uma escada emprestada. Resmungava cada vez mais elétrico: “quero subir no telhado e pegar o avião de controle remoto do meu filho que está na casa do vizinho porque só

tenho permissão para subir agora e poderá cair chuva e o escritório fecha às 17h”.

Alguns me chamaram de doente, outros de louco, dependendo do grau de instrução. Quando desistia, olhei um senhor martelando ... uma escada no quintal de uma casa demolida.

– É ele!

Expliquei devagar e não fez oposição. Talvez quisesse provar a segurança de seu conserto. Tomei a nova tralha, de 3 metros e meio, retomei o alarido da rua e os corredores do vizinho e subi. Subi. Subi. Subi.

No seu quarto, Vicente conversou pacificado com a cabine do avião.

– Eu avisei que meu pai iria buscá-los, eu falei para vocês.

Isso me deu orgulho. Mas o maior orgulho de um pai não é o reconhecimento do filho. É o reconhecimento da mãe do filho.

BENDITO VIOLÃO

Nunca toquei violão e sempre quis.

Não tive coragem de pedir para a mãe ou o pai.

Contei ainda com o azar de ninguém me ensinar, estender o instrumento sem cerimônia e me orientar: “segura aqui, segura assim, é fácil”.

A poesia ficou sendo uma música mais barata.

Escrevi para Reynaldo Bessa: o violão desenforca os homens. São cordas para salvar as pessoas da solidão, do nó do desespero. O violão é um antídoto contra o suicídio, o mais eficaz inventado até hoje.

A tendência do bilhete de suicida é virar letra, o sujeito animar-se com a melodia e esquecer as ideias macabras.

Como alguém vai se matar segurando as canções com os próprios dedos? É como dar colo a um bebê. Uma responsabilidade frágil.

A música reabre o nascimento.

Ao esticar as cordas, aumentamos a altura do timbre. Para quem já cresceu tudo o que podia, é um jeito do corpo prosseguir avançando. Um centímetro de voz por noite. É uma infância que não termina de dormir. Com violão, homem feito ou não alça sua estatura de noite. E aparece muito maior de dia.

No colégio, era o amigo do “amigo do violão”. Nas festas de desconhecidos, ele não precisava se apresentar. Logo fazia empatia e trocava risadas antigas na varanda com o aniversariante (mesmo sendo a primeira vez que o via).

Muito menos dependia de cumprimentos nas reuniões da turma. Com o estojo nas costas, já recebia a cerveja e o lugar de destaque no sofá. As meninas o paparicavam, exagerando nos beijos e advérbios, insistindo que apresentasse os sucessos do momento. Ele argumentava:

– Agora não, depois! E levantava o corpo gelado com displicência.

Considerava sua afirmação um luxo de poder.

– Agora não, depois!

Ele mandava no tempo. O resto da festa tornava-se uma espera ansiosa. Os outros reparavam nos seus gestos, procurando adivinhar a decisão e antever o caminho dos seus braços.

Eu permanecia escorado na parede da cozinha entre a personalidade de penetra e a de garçom. Um pouco de ciúme de não ser ele. Um pouco de orgulho por ser amigo dele.

O violão é um confidente. Vejo minha filha conversar com o instrumento. Fala cada coisa para ele que nem sonho.

Não importa. Ela me promoveu. Vou melhorando de vida. Agora eu sou o pai da menina que toca violão.

QUANTAS PINTAS EM MINHAS COSTAS?

Estava dormindo de costas. Acordei com meu filho contando minhas pintas.

Ele gritava:

– Mais uma, mais uma.

Nos cálculos dele, tenho vinte e duas manchas. Não sei se ele parou de contar porque desconhece o resto da numeração ou realmente achou vinte e duas.

Nem sempre fixamos o tempo por aquilo que está na carne. Nossa alegria costuma ser limitada a um horário, a uma realização, a uma situação de fora. Não a um sentido maior de convivência, de descoberta pessoal. Confundimos estar alegre com ser alegre. E o ano não muda se acreditarmos que alguma coisa deve acontecer para ser feliz. Nada precisa acontecer para que a felicidade venha. Ela já deveria estar dentro despertando a delicadeza. Não pode ser condicionada a um plano profissional, emocional e de saúde. Não será a lentilha ou a roupa branca que determinarão a conduta. O que passou não acabou – ainda é. Ciscar para trás pode ser mais verdadeiro do que andar para frente.

Aceita-se a ilusão de que, ao apagar o ano passado, eliminam-se os problemas. Assinamos embaixo o pedido de lobotomia. Quantas virtudes e lembranças boas vão para o ralo? Confia-se que zerando o placar é mais fácil entrar em vantagem. A desmemória gera apenas a repetição. E uma repetição cansada e fingida da novidade. Não é necessário nascer de novo para ter chances. É necessário morrer várias vezes para ter chances. Esquecemos que a primeira refeição do ano costuma ser as sobras do jantar. É possível enganar o coração, não o estômago.

Observo uma arrogância em relação à vida. Como se não suportássemos a ideia de que a vida manda na gente. Se o roteiro não segue o que planejamos, começamos a lamentar e nos entristecer. Abalados pela ideia de que não foi o que queríamos, não se cogita reagir. Será que não falta um pouco de humildade para aceitar que ninguém vive solitariamente, que ninguém tem o destino pronto? Não pretendo disfarçar a minha solidão com o nome de “independência”.

Quando resumimos o ano, ele se torna menor do que um dia. Viver é intimidade, não intimação. Viver um dia de cada vez tornará o ano mais longo. Viver uma pinta de cada vez. Observar o que ficou nas costas.

COLO

Os adultos também precisam ser carregados. E como precisam! Nos relacionamentos, haverá um dos dois que não conseguirá mais andar. Por cansaço ou por desânimo, por fraqueza ou falta de esperança.

Nos corredores de casa ou do trabalho, sua mulher vai ficar pequena, com a saia plissada e as meias altas da escola e vibrará compaixão na direção de seus ombros, louca para pedir colo. Buscará a certeza de que contará com alguém durante um pequeno percurso a recobrar a força da vontade. Quer fungar o seu cheiro. Segurar-se nos botões de sua camisa como se fossem os olhos de vidro de seu antigo urso. Dobrar os joelhos, para pegar altura no balanço. Ela cresceu, tem filhos, trabalha, toca a residência, nada a impede de fartar os pés.

Depois que crescemos, não é permitido emitir sinais de fraqueza: chorar, vacilar, confundir-se. Pois logo seremos taxados de depressivos. Temos que ser sempre fortes, convictos, impermeáveis. Mas sem um colo a pessoa pode recuar. Pode brigar. Pode arrepender-se de ir adiante. Pode se isolar. Pode cortar amizades. Pode desejar morrer. Pode divorciar-se de seu anjo da guarda. A criança intacta nos ouvidos não suporta a sucessão de críticas, de pressão, de decisões para avançar, sem ao menos deitar em movimento num colo paterno do marido. No colo paterno do namorado.

Os homens da mesma forma carecem de um colo. São barbudos, peludos, enormes, mas a alma não pesa pele e ossos. A alma é a falta de peso. A falta de peso é o que mais pesa. A alma é fraquinha, é raquítica, é desidratada. A alma toma soro, toma orvalho, toma a chuva das calhas. Bebe o que vai na concha da mão.

Quando o homem não consegue mais andar, serão nulas as palavras de incentivo, o otimismo dos livros, o conforto das ideias, a segurança da casa.

É o momento de carregá-lo. Momento de dizer: – Pode subir, eu o levo. E não se importar com a dor dos braços, a dor das pernas.

FÁBULA INFANTIL PARA ADULTOS

Sempre quis ser feliz. Felicidade de árvore, puxar o galho pesado de frutos como quem abre um guarda-chuva para o rosto. Felicidade de rodar o corpo várias vezes até entontecer e deitar na grama para observar as nuvens. Aquela tontura era quando meus lábios tiravam as sandálias.

Quando não previa que era feliz, a felicidade não terminava.

Ao conhecer a felicidade, passei a defendê-la. Passei a me acostumar com ela e procurá-la onde já a tinha encontrado. Não procurava onde não a conhecia. Eu gastava a felicidade de antes. A felicidade que existia dentro da felicidade. Não a felicidade que existia fora da felicidade, que também poderia ser minha.

Minha felicidade logo virou a desconfiança de que os demais cobiçavam a minha felicidade. Logo virou a suspeita de que não poderia ser feliz, obrigado a me conter. Caso demonstrasse, estaria esnobando. Alertando os ladrões. Não podia sair mais com a minha felicidade. Escondia em casa, atrás dos livros.

Sem felicidade, aprendi a viver com a lembrança dela. Estava quase feliz, remotamente feliz, pois poderia retornar à felicidade de noite. Retornar à felicidade era meu jeito de ser feliz. Ou de parecer feliz durante o dia.

Fiquei assustado quando alguém me falou que eu não era sério, que precisava ser adulto. Tentei ser feliz e não rir. Ao sentar a boca, esquecia que estava feliz e permanecia somente sério. A concentração para não rir me tirou a vontade de falar.

Complicado o negócio de ser feliz. Desisti, portanto, de minha felicidade para deixar os outros felizes. Abri mão das coisas. Queria que minha mulher fosse feliz – girava o quarto para que ela fosse. Queria que meu filho fosse feliz – girava a sala para que ele fosse. Quando um ou outro estava feliz, eu

não pensava em minha felicidade. Nem que a tinha escondido para nunca mais rever. Já não me lembrava onde estava: atrás de que livro? Que autor? Qual estante?

Quando recebia convite para estudar no exterior, concluía:

– Outra hora.

Quando recebia convite para um novo trabalho, concluía:

– Outra hora.

Não me constrangia em esperar. A felicidade da minha mulher e dos meus filhos foi formando minha felicidade. Até que bateu um remorso por não ser feliz sozinho, afinal todos são felizes sozinhos. A dependência me doía. Eu tinha que esperar que fossem felizes para me acalmar. Não que tivesse deixado de ser feliz, eu esperava o reconhecimento deles para então perceber que fui feliz. Eu era feliz depois de ser feliz.

As coisas abriram suas mãos. Acreditava que me anulava. O mesmo remorso de uma dona de casa depois de arrumar a bagunça, sentar na cozinha, descobrir que o minuto de seu sossego é o cigarro e que todo mundo vai esperar a casa limpa, como sempre, e nada será comentado. Porque a casa limpa é invisível, como a felicidade.

A felicidade deles tornou-se minha infelicidade. Fui cobrando a devolução dos dias felizes que dediquei à felicidade deles. Pedindo a devolução das minhas semanas, uma por uma. Não conseguia diferenciar o que era meu do que era deles. Numa partilha, como dizer quem gosta mais de um disco ou de um filme?

Minha felicidade não era infeliz, mas sem assunto. Confundi sem assunto com infeliz. Não tinha o que contar de mim, só deles. Eu era mais a promessa de felicidade deles do que o meu passado.

Eles foram ficando tristes porque minha felicidade não aparecia. Nem depois. Nem como véspera. Eles não sabiam como devolver minha felicidade. Porque a felicidade deles também era me fazer feliz.

CONFISSÃO

Quando um adulto sofre gozação, ele volta a ser criança.

A face barbeada ou a pele brônzea recebe as camadas de blush da vergonha.

As orelhas fervem.

Ele pode ser um empresário de sucesso, ou um administrador competente, mas se alguém percebe um defeito que ele busca esconder desde pequeno, não consegue responder. Gagueja, tumultuado por dentro.

Por mais que tenhamos crescido, não crescemos o suficiente. Nossas virtudes amadurecem; nossos medos não mudam de idade.

Viver é um constrangimento: é vulnerabilidade. Amar é esperar a opinião distinta da nossa e suportá-la.

A primeira imagem que deve desmoronar é que a criança não pode ser cruel. Ela é, pois fala diretamente o que está pensando. E não há nada mais cruel do que a verdade. Não estamos preparados a aguardá-la.

Na fila do mercado, é possível que seu filho observe um portador de necessidades especiais e grite que ele perdeu as pernas. Ou confesse que aquela mulher é muita gorda e sequer está grávida.

Na escola, não foram poucos os colegas que me apontavam no rosto e diziam:

– Como você é tão feio?

Não faziam por mal, ou realmente faziam. Para serem engraçados. Para arrebatam a empatia da turma com risadas.

Eu me calava, com a vergonha de que meus pais ou irmão ouvissem aquilo. Não brigava. Eu secretamente tinha certeza de que era feio. Muito feio. Nunca respondi o que temia.

Ainda hoje quando me comparam a um extraterrestre, toda a minha oratória vai para o espaço. Fraquejo, peço ajuda, peço uma mão para

atravessar a rua do desaforo. É assim mesmo, não ficarei bonito, decidi me estranhar tanto que ninguém mais seja capaz de identificar o que é mais insólito em mim. É tanta coisa irreverente que o observador demorará boas horas para me classificar.

Raspei minha cabeça, pinto as unhas da mão esquerda, uso roupas que são próprias para baladas, com lantejoulas e brilhantes, em plena luz do dia, saio com óculos enormes de gafanhoto e morcego. Não temo o escândalo de minha alegria.

Ao invés de esperar o pior, me critico. Não tento ser normal, exagerei as minhas diferenças.

Ainda não consigo me defender, em compensação minhas dores me ensinaram a defender os outros. A não permitir que a omissão e a indiferença prosperem em pensamento. Revezar sensibilidade e humor, nunca espumar de raiva e revidar a agressão. As palavras servem para desarmar. Briga é o fracasso das palavras. Eu compreendo para me situar. Explico a ferida para cicatrizá-la. Antecipo-me às fraquezas das pessoas e elogio no momento certo e não em qualquer momento.

Quando a preciso, quando muito carente, daí peço emprestado beleza aos meus filhos.

Eu sou imensamente belo ao lado deles. É o único momento na qual me esqueço.

OLHOS DE RAPOSA

Vicente cola seus olhos nos meus. Como uma luneta.

O nariz frio é a ponta de seu dedo me reconhecendo.

Com os rostos próximos, diz que tenho olhos de raposa. Enxerga uma raposa correndo de noite.

– Já viu antes uma raposa?

– Não, não preciso ver para saber como ela é.

O amor é mesmo uma cegueira, desde que não se percam os ouvidos e a boca.

Eu já sinto saudade dele mesmo quando estamos juntos. É uma falta antecipada.

Ele não me entende. Busco explicar saudade para suas pupilas paradas de caçador.

Saudade é não rasgar os selos das cartas na hora de abrir. Umedecê-los com o vapor da chaleira.

Saudade, meu filho, é dormir com dois travesseiros para o corpo não doer pelo excesso da cama.

Saudade é arrumar a mesa quando não jantaremos em casa.

Saudade é esperar a ligação do avô que já morreu.

Saudade é não jogar fora as meias que se desconstruíram do seu par.

Saudade é não organizar a bolsa ainda que não se encontre mais nada nela.

Saudade é um poço artesiano coberto por uma tábua.

Saudade é uma parede que descascou tangerinas.

Saudade é errar o caminho quando se vai ao trabalho.

Saudade é quando a gente esconde uma lembrança dentro de uma música. E a música dentro de uma lembrança.

Saudade é adivinhar o tamanho do pátio pelo varal.

Saudade é desamassar as roupas com as unhas.
Saudade é tomar banho no escuro.
Saudade é uma residência de verão com lareira.
Saudade é abrir seu diário antigo e pedir ajuda para entender a letra.
Saudade é um avental com as iniciais bordadas.
Saudade é uma boina com cheiro de funcho.
Saudade é pisar descalço na memória com medo de roseta.
Saudade é lembrar o que poderia ter acontecido antes de acontecer.
Saudade é imitar o assobio de uma porta.
Saudade é fechar o livro para que ele se abrace.
Saudade é procurar o que não foi extraviado.
Saudade é esquecer o que se falou com Deus.
Saudade é saber a importância do que nunca se teve.
Saudade é reconhecer um amigo da infância no filho.
Saudade é sentar na escadaria de uma igreja só para suspirar os degraus que faltam.

Saudade é parar diante de um mendigo com as mãos vazias.

Saudade é lavar os cabelos do violão.

Saudade é usar o cadarço para costurar duas ruas.

Saudade é escrever o que se precisa ler.

Ao entrar em seu quarto no dia seguinte, escuto sua conversa com a irmã Mariana. Ela o incomodava com tapinhas nos ombros e o enervava com apelidos.

– Quando está longe, só penso coisas boas de você, Mariana. Não estrague a minha saudade.



NÃO USE O FILHO COMO DESCULPA

Ser mãe é a possibilidade de experimentar em dobro a mesma vida, é voltar para a infância não sendo mais criança, voltar para a adolescência não sendo mais adolescente. Quem já não teve o sonho de repetir o passado? Mãe aperfeiçoa seu desejo e até melhora a memória que julgava encerrada.

Todos sabem que uma vez o corpo habitado, o ventre povoado, o amor faz cidade. Mas não vou falar do barulho bom da chuva nas calhas. Talvez tenha de cuidar das infiltrações pela casa.

Vou direto ao ponto: maternidade não pode servir como desculpa. Muito menos como perdão para não correr riscos.

Minha mãe argumentava que não casou novamente para cuidar dos filhos. Ela se separou aos 40 anos, na efervescência da idade. Pretendentes batiam à porta com serenatas, flores e bombons, recorrendo a cortejos desesperados. Eu atendia a campainha com pena da *performance* em vão dos seus apaixonados.

Juro que não merecia receber essa culpa. Ela avisava que os filhos eram ciumentos e não admitiriam um segundo casamento – nunca testou a tese. Cansei de ouvir que não desfrutava de condições de sair à noite para cuidar da prole... já adulta. Transferia a decisão para os nossos ombros.

Não deve ser sadio para um filho carregar o estigma de que demitiu sua mãe do futuro amoroso. De que é o responsável por complicar seus relacionamentos e adiar namoros e viagens. Estou exagerando?

Tenho uma amiga linda, jovem e profissional reconhecida, que aceita os convites para festas, cafés e jantares com facilidade. Estranho sua rapidez afirmativa. Quem diz sim no aceno dirá não com um longo aperto de mão.

No momento que é convidada, responde com entusiasmo de acampamento de escola. Solta um viva, um urra, um não acredito

impregnado de presságios. Parece que estava esperando ansiosamente o chamado.

Pena que desmarca na última hora com um telefonema sussurado, constrangido e pesado de juras por uma próxima chance. Entendo o que passa em seu assoalho, aceita de pronto e demora semanas sondando uma maneira de cancelar o encontro e não ferir expectativas. Sempre vai ferir seu orgulho.

A desculpa dela é igual há 14 anos, desde que seu filho nasceu: Theo tem alguma coisa que a impede de se divertir, ou uma doença, ou não há com quem ficar ou tem aniversário ou está mal na escola. Foram centenas de motivos, dos tradicionais aos mais irreverentes. Acredito que ela perde mais tempo elaborando justificativas do que se comparecesse aos compromissos.

Theo pouco prevê que paga a conta pelos cancelamentos sucessivos de sua mãe. Muitos imaginados e inventados, longe da realidade. Ela o cria com perfeição, o problema é que se esconde na maternidade para não criar a si mesma.

Maternidade não é renúncia, é aceitação de que o filho não é tudo, não é um fim, é o nosso recomeço.

MEUS FILHOS TÊM MAIS PASSADO DO QUE FUTURO

Jogar futebol dentro de casa é um hábito do meu filho. A bola de pano fica cobrindo seu tênis, reforçando o cadarço. Toda porta se converte em uma goleira.

É natural que as esculturas da sala estejam quebradas.

A namoradeira na janela foi decapitada. São Francisco de Assis de madeira perdeu seus amigos pássaros. Um pescador viu sua rede e seus peixes levantarem asas. A baiana não segurou o vaso na cabeça. O flautista da Ásia acabou partido em dois.

A sala é um aprumo, uma beleza, com móveis feitos sob medida. O que fazer com as peças danificadas?

Não coloquei nenhuma escultura fora. Colamos os objetos em longa entrega. Chegamos a pintar de novo, escová-los com verniz, exercendo o papel de cirurgião da infância.

Meus dedos estão grudados aos dedos do meu filho de tanto que passeamos pela cola bonder. A textura plastificada não me enerva, é um esmalte transparente da cumplicidade. Coço a mão com impagável orgulho. Como um artesão depois de uma longa trama de cordas. Como um oleiro depois de girar o barro e encontrar as curvas da estrada de Caxias do Sul.

Não posso ensinar aos filhos a não errar. O que me cabe é ajudá-los a restaurar, a dar a volta por cima, a cuidar do estrago e procurar a dignidade da emenda.

Há uma obsessão dos pais de fazer avançar a qualquer custo. De ir para frente, de pular de série, de alcançar a excelência das notas, de profissionalizar o tempo e ocupar os horários para não tropeçar em bobagens. Educar é mandar, ser educado é aceitar ordens.

Tudo é sempre uma única vez, movida a frases sentenciosas “Não irei repetir” ou “Presta atenção”. Quantos meninos e meninas se deprimem por não encontrar uma segunda chance na família?

Penso o contrário. Sinto o contrário.

Compreendo que a criança não poderá voar se não andar primeiro. Mais do que nunca, precisa saber voltar atrás. Ter passado mais do que futuro. Isso significa suportar a frustração, reagir quando as coisas não acontecem como esperadas. Contar com tristeza suficiente para sair da tristeza e se levantar. Mimar é não permitir que nada se quebre. Amar, de outro modo, é reconstituir os estilhaços.

Não penalizar por uma nota ruim com castigo e privação dos prazeres, mas dar a consciência de que o conceito é provisório e que é natural melhorar. Estimular o pequeno com a própria dificuldade. Recompôr o que foi estragado, reconstituir um desenho rasgado, remontar os escombros e não se envergonhar pela demora.

Deixo as esculturas mancas na sala. Não me importo como as visitas vão reagir ou se passarão a me observar com desconfiança. Os defeitos permanecem expostos. A vida é para ser usada.

Minha filha faz de conta que já conhece os sentimentos que virão para não sofrer com eles. Demora de propósito. É aquela pessoa que chega muito antes de um compromisso e dá uma longa volta para depois aparecer atrasada. Há sempre uma sala em seu rosto onde deixa a emoção esperando. Não que seja insensível, é sensível demais, tanto que tenta controlar o que não pode.

Mariana, seu nome foi um desafio. Eu não sei falar Mariana. O “r” abandona o céu da boca como “l”.

Quando sua mãe Gêssica escolheu seu nome, eu ainda tentei me opor. Sugeri Gabriela. Mas não consegui negar nada que viesse do ventre. O ventre é o único altar que me ajoelho.

Deveria me adaptar, superar a falha, perder a preguiça da língua. O problema era meu.

Na praia, nadava as consoantes no mar. Aguardava que todos os veranistas partissem e gritava: Mariana, Mariana, Mariana! Algumas gaivotas me ouviram e acharam que tinha perdido uma filha nas ondas. Em passadas de iodo e espuma, as aves entravam em redemoinho de areia com medo do trauma e do velório.

A casinha de salva-vidas foi meu escritório de eco. Se pudesse, arrebentaria meus dentes para alojar a palavra. Arrancaria com alicate sem anestesia. Com uma garrafa de aguardente. Para não passar vexame na pele. Se eu pudesse ser menos educado.

Tenho a sensação que não domei seu batismo. Penso muito antes de pronunciar. Toda vez penso. Toda vez desejo acertar.

Só os outros já brincaram maldosamente com a gafe, só os outros que não toleram um amor apressado de minha boca.

Ela me desculpa. Nunca me advertiu, não me constrangeu.

- Sim, pai.

Talvez minha filha tenha treinado os ouvidos no oceano para me entender.

HOJE SIM

Na primeira noite em que minha filha dormiu em casa, na primeira noite em que meu filho dormiu em casa, na primeira noite em que fui pai deles, eu não dormi.

Não me entreguei ao sono pela ternura da brisa da madrugada, que insistia em cortar as cartas dos ouvidos. Não apaguei por excesso de entusiasmo. Um composto de medo, assombro e ansiedade. Espiava se choravam, miavam, sopravam. Deslumbrado por ter participado da criação do mundo.

Eles precisavam de mim.

Na cama de casal, cada um em seu tempo, enrolados nas mantas e com um bico puxando o pulmão. Aquelas pálpebras enroladas para dentro como um papiro. Todo bebê parece um velho sábio no primeiro instante, com rugas e vermelhidão provisórios (onde vai aquele rosto secreto e fulminante do nascimento dos filhos? Ele volta algum dia?)

Estava aprendendo a paternidade, estava cuidando, não mais sendo cuidado. Conheci o ato de proteger, de serenar, de acolher. Poderia finalmente me esquecer e ainda me sentir importante.

Ao visitar a sala ou a cozinha, não me aguentava, tinha que regressar ao quarto para conferir o que o pequeno ou a pequena andava fazendo. Somos sugados para a onipresença. Um casal de pais só precisa de um aposento para existir. Nada mais.

Acordar de repente, aquecer leite, cuidar das cólicas, encontrar a posição certa nos braços, levar para passear com uma mala de viagem, levantar o carrinho nas escadas, cuidar com o que levavam à boca, trocar fraldas, arrumar os armários; os gestos mais insignificantes tomavam proporções messiânicas. Nunca tive igual concentração num poema e num trabalho. Uma devoção que interrompia a fome.

Havia um pânico de não atender às expectativas e de falhar, que logo eram esquecidos por que não podia pensar devagar e deixar para depois. Pai não discute, faz, comove-se como dá.

Não tinha bem a consciência do amor. Havia a militância dele, a perseguição dele, a procura incansável para ser lembrado sempre que eles acordavam. Ai, que receio de não ser chamado pelas crianças no momento em que acordavam.

Mas hoje alcancei. Foi rápido, um triz, uma fração, mas me segurei no colo.

Estou conseguindo ser pai. Demora para chegar esse momento. Qualquer mãe, qualquer pai entende o que estou dizendo.

É como se fixar, se enraizar, não ser mais ameaçado nem por mim, nem por ninguém.

Eles passam agora a me vigiar.

Vicente me defende quando alguém me critica. Mariana segura minha mão quando estou dirigindo. Vicente puxa minha cabeça para baixo como um travesseiro. Mariana lembra o que eu comentei há dez anos. Ambos se amam para me amar mais.

Estou conseguindo ser pai. Muitos não têm nem a chance de ser filho. Não há mais nenhum fracasso possível. Ser pai para receber meu pai de volta. Ser pai para me engasgar na própria risada. Ser pai para se parcelar e não se inundar de vergonha.

Uma elegância de barco descascado na praia. Que parece abandonado para os outros, menos para quem navega nele. Menos para meus filhos.

O mar é a própria rede. Os pássaros voltam a ser peixes no oceano de meus olhos.

ME DEIXE EM PAZ

Meu filho foge das fotografias.

É alguém alçar o celular para o alto e ele se esconde debaixo de colunas e cortinas. Não aguenta máquinas por perto.

Não me chateio, não obrigo que ele mude de ideia, nem lamento a desistência precoce da vida pública.

Ele não está doente, tampouco é timidez. Não colocarei Vicente em terapeuta para resolver sua retração. Não vou ofendê-lo de bicho de mato e constrangê-lo entre os amigos.

O nome do que sente é estresse. Uma postura defensiva extremamente sadia. Ele está farto de *flash*, de olhar para cá e ser feliz.

Bombardeamos nossos filhos com a facilidade de imagem. Exageramos na dose. Eles enjoaram, cansaram, taparam a câmera com a mão.

É Instagram. É Facebook. É Twitter. É Tumblr. Temos que alimentar diariamente os demônios das redes e eles são nossas vítimas prediletas.

Vicente entrava no ônibus da escola: foto! Vicente almoçava: foto! Vicente jogava futebol: foto! Vicente bocejava: foto! Vicente pulava na piscina: foto! Vicente chorava bonito: foto!



Coitado. Aos 11 anos, ele tem um acervo fotográfico do tamanho do de Justin Bieber. Desde o nascimento, são centenas de fotos minuto a minuto de sua existência. Não diria que ele possui um álbum, mas já uma fotobiografia.

Minha infância foi de plebeu, com 50 fotos no máximo, todas com roupas de domingo e ao lado dos irmãos. A infância do Vicente é de imperador, uma muralha da China de poses.

Os pais se transformaram em paparazzi alucinados e loucos para demonstrar seu amor digital. Montam guarda nas janelas. Realizam vigília nas portas do banheiro e do quarto.

Encantados com os aparelhos modernos e as versões anuais de Android e iPhone, perderam o pudor e o senso de medida. Seguem seus pequenos nas cenas mais recatadas e pessoais para obter o clique diferenciado, que ficará um luxo com o uso dos filtros.

Não é brincadeira. Subtraímos a privacidade das crianças. Hoje, estão expostas como atores e atrizes mirins, empurradas precocemente para a ribalta. Tudo é festa. Tudo é mostrado.

Os meninos e as meninas não têm sossego. Não podem nos olhar com cara engraçada. Não podem inventar de nos abraçar longamente. Um instante de bobeira, e seus familiares aproveitam o registro para pôr na *web*.

Vicente rejeita luzes. Ele pede:

– Me deixe crescer em paz.

Bem que ele faz.

Fabrizio Carpinejar

Fabrizio Carpinejar acredita que a vida é feita para os corajosos. E que uma palavra na hora certa pode decidir caminhos. O autor nasceu em 1972, em Caxias do Sul (RS), e atualmente está radicado em Porto Alegre (RS), onde mora com a mulher Katy e os filhos Vicente e Mariana. Poeta, cronista, jornalista e professor, publicou 26 livros ao longo de quinze anos de literatura. Atua como apresentador da TV Gazeta e da TVCOM, colunista das revistas *Isto É Gente* e *Pais & Filhos*, jornal *Zero Hora* e comentarista da Rádio Gaúcha. Ganhou vários prêmios, entre eles: duas vezes o Jabuti, edições 2009 e 2012, o de melhor livro infantojuvenil da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), em 2012, e o Olavo Bilac 2003, da Academia Brasileira de Letras.

Ana Pez

Nasceu em 1987 em Madri (Espanha), onde vive. Estudou História e ilustração. Começou na profissão dando cursos de desenho e participando de diferentes tipos de projetos, como capas de discos, páginas web, material para teatro. Em 2013 passa a ilustrar para o mundo editorial, colaborando com editoras como a Edelvives (Espanha) e Nobrow (Inglaterra).

Ilustrações: Ana Pez
Projeto gráfico: Victória Piffero
Revisão: Mônica Ballejo Canto

C298o

Carpinejar, Fabrício, 1972-
Olhos de raposa / Fabrício Carpinejar ; ilustrações Ana Pez. - 1. ed - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2014.
(Pedaços de vida)
ISBN 978-85-5590-022-8

1. Crônica. I. Pez, Ana. II. Título. III. Série.

CDU 087.5

2016
Edelbra
www.edelbra.com.br
Central de Atendimento:
51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.